

A RELIGIO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO: ARTE, SÍMBOLOS E RESIGNIFICAÇÕES NAS CATACUMBAS ROMANAS

Angelina Carr Ribeiro Martins¹

Resumo: Das imagens pictóricas, símbolos e inscrições funerárias expressas nos afrescos e epitáfios das catacumbas romanas, emerge uma reflexão sobre a capacidade simbólica do homem, e neste caso, a experiência religiosa dos primeiros Cristãos. A liberdade de expressão por meio da arte e da linguagem simbólica desta nova *religio* nos remete à dimensão interior e às práticas dos primeiros cristãos, um tipo de simbolismo de que a espiritualidade se servia tanto no mundo cotidiano como na esperança em um mundo por vir. Essa *religião* caminhava junto às necessidades humanas, com a função de superar o sofrimento em uma sociedade que emergia de um contexto cultural, social, político e econômico propício a este anseio, promovendo assim, uma nova forma de comunicação e interação social aos *convertidos*.

Palavras-Chave: cristianismo primitivo; religião; linguagem simbólica; experiência religiosa; necessidades humanas.

Abstract: Of pictorial images, symbols and funerary inscriptions and epitaphs expressed in the frescoes of the Roman catacombs, emerges a reflection on symbolic capacity of man, and in this case, the religious experience of the early Christians. Freedom of expression through art and the symbolic language of this new religion, leads us to its inner dimension and practices of the early Christians, a kind of symbolism that spirituality is served both in the everyday world, as the hope in a world by come. This religion walked together to human needs, with the function to overcome suffering in a society emerging from a cultural context, social, political and economic conducive to this longing, thus promoting a new form of communication and social interaction to the converted.

Keywords: early Christianity; religion; symbolic language; religious experience; human needs.

Introdução

¹ Mestranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalhou com turismo religioso acompanhando grupos a diversos países, como Itália, Alemanha, Turquia, Grécia, Egito, Israel e Jordânia. Graduada em Nutrição. Especializou-se em Relações Internacionais e Diplomacia pela UNISINOS-RS, em 2013; e Políticas Públicas e Combate à Pobreza pelo Instituto AVM, em 2013. martinslondrina@hotmail.com

A “Arte Paleocristã” é um termo que não designa um estilo, mas uma produção artística que se situa no período entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média. Os cristãos utilizaram as formas artísticas de seus contemporâneos, não diferindo da arte pagã da época. Após a institucionalização da Igreja, a liberdade de expressão em relação à arte foi delimitada por padrões definidos por teólogos, quando a iconografia cristã adquiriu um aspecto mais severo.

O estrato social ao qual os primeiros cristãos pertenciam não favorecia a produção artística. Além disso, a natureza apocalíptica do cristianismo, a influência judaica que era contra a produção de imagens, a relação destas com o paganismo, abandonado pela conversão ao cristianismo, e as intensas perseguições foram fatores que prejudicaram a produção da arte paleocristã.

As catacumbas romanas são o maior acervo pictórico do referido período. No âmbito cronológico as pinturas se localizam em meados de 250 d.C. Quanto à função são definidas como arte sepulcral e na dimensão social foram destinadas às classes inferiores. Mas é importante destacar que devido às perseguições, foram utilizados símbolos inofensivos e tradicionais, o que evitava o confronto com as autoridades.

A arte das catacumbas era entendida somente pelos convertidos, situava-se em passagens Bíblicas do Antigo e Novo Testamentos, cujo tema central estava na salvação, com destaque para o símbolo do *fiel* ou *orante* e o *peixe* (símbolo de Jesus Cristo); enfatizando também cenas dos milagres de Jesus e as cenas do Antigo Testamento que fazem referência às promessas de Deus. Em um estilo uniforme, utilizava-se a cor e linha sugerindo figuras sólidas sobre fundos de caráter realista, porém, eram pinturas de baixa qualidade devido às limitações financeiras.

A Igreja Primitiva emergiu em meio às necessidades extremas, encontrando na mensagem evangélica de um Deus presente e próximo, a esperança de alcançar *o bem supremo*, a liberdade do corpo e da alma pela salvação de uma realidade mergulhada em uma sociedade supersticiosa, um sistema político opressivo, uma estrutura econômica-social injusta, miserável e inflada por questões étnicas.

Enfim, o universo simbólico está vinculado a um significado que dá sentido à crença. Da mesma forma os rituais são o resultado das visões de mundo religiosas e seus símbolos. Disso emerge a religião como sistema simbólico, que ritualisticamente é mediadora do mundo cotidiano e o mundo invisível. A arte cristã não se baseava nas aparências, mas na iniciação do espectador.

Diante do exposto procuro trilhar uma linha de raciocínio que nos conduza, mais à frente, ao contexto vivido pelos primeiros cristão, no sentido de entender sua experiência religiosa pelo sistema de significados expressos por meio da arte pictórica e inscrições funerárias, sem a presença da igreja quanto instituição, quando o sistema simbólico em questão ainda estava se formando. Partindo desse princípio avançaremos mais um pouco em meio à complexidade que permeia e envolve o pensamento e as manifestações *religiosas*, especificamente do cristianismo primitivo.

Simbolismo e experiência religiosa

A capacidade de simbolizar, inerente ao ser humano e que o diferencia dos demais animais, foi o meio pelo qual as comunidades do cristianismo primitivo comunicavam sua experiência religiosa, sendo tanto testemunho, como matriz geradora de novas vivências, fortalecendo os laços entre elas por meio de um sistema simbólico comunicado com afrescos e pelas mensagens em epitáfios esculpidos em pedras, assim:

[...] como a experiência da Realidade transcendental é o núcleo do fato religioso, o símbolo é, na ordem da expressão, a linguagem fundante da experiência religiosa, a primeira e a que alimenta todas as demais. (CROATTO 2001, p.81)

Por sua etimologia do verbo grego *sym-ballo*, a palavra *symbolon* refere-se à união de duas coisas separadas que se complementam, ou seja, uma parte remete à outra, dois elementos que se inter-relacionam, no nível do sentido e não do objeto em si mesmo. *O símbolo é a linguagem básica da experiência religiosa, ele faz pensar, sempre diz mais do que diz, é a linguagem do profundo, da intuição, do enigma.* O símbolo pode emergir de três formas: nas hierofanias, nos sonhos, e na poesia, considerando que a linguagem religiosa tende a ser poética, e que os sonhos aparecem frequentemente em textos religiosos, posto que são portadores de mensagens. O símbolo pode ser descrito da seguinte forma:

1. Participa daquilo a que orienta (o *sagrado*);
2. É insubstituível pelo *logos*;
3. É mediador da transcendência como *símbolo*;
4. Revela dimensões da alma que corresponde a dimensões da realidade;
5. Não pode ser criado convencionalmente como o signo.

Por isso, como sugere Croatto (2001), no universo simbólico há a interpretação e não a explicação, posto que remete ao inefável, à experiência vivida.

O termo símbolo, então, designa um elemento representativo que está (realidade visível) em lugar de algo (realidade invisível), que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia. O *símbolo* é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que sejam reconhecidos internacionalmente, outros são compreendidos apenas dentro de um determinado grupo ou contexto religioso, cultural, etc².

Mithen (2003) destacou cinco propriedades que os símbolos possuem, embora a definição de símbolo visual seja difícil, como segue abaixo:

A forma do símbolo pode ser arbitrária em relação ao referente;
 Um símbolo é criado com a intenção de comunicar;
 Pode ocorrer uma defasagem espaço-temporal considerável entre o símbolo e seu referente;
 O sentido específico de um símbolo pode variar entre indivíduos e, de fato, entre culturas;
 O mesmo símbolo pode tolerar um certo grau de variabilidade, seja ela imposta deliberadamente ou não. (MITHEN 2003, p.262)

Assim como o símbolo, a arte também é difícil de definir, sendo específica de cada cultura. Pesquisas recentes nos trazem informações de que por volta de quarenta mil anos atrás, na Europa, houve uma explosão cultural, quando o homem passou a produzir os primeiros trabalhos artísticos. Ainda segundo Mithen (2003), o homem da época já possuía os três processos cognitivos cruciais para a produção de simbolismo visual ou arte: a concepção mental de uma imagem (inteligência técnica); a comunicação intencional (inteligência social); e a atribuição de significado (inteligência naturalista), que funcionando juntas e harmoniosamente promoveram a criação e uso dos símbolos.

Nesse sentido, a arte é uma forma de comunicar, de introduzir elementos de uma cultura e da religião às massas, pois adequa o símbolo e a imagem à linguagem popular, priorizando a cultura local e a população nativa. Mesmo que poucos saibam ler ou escrever os símbolos e imagens são as ferramentas mais eficazes para a comunicação e disseminação de uma ideia. A imagem cristã no decorrer dos séculos foi influenciada ou descendeu de uma tradição iconográfica vinculada às tumbas e sepulcros dos mortos, e teria o sentido de uma representação de culto e ritual religioso e não uma produção artística que priorizava a estética. Podemos acrescentar que:

A mais evidente depreciação dos símbolos que a história da nossa civilização nos apresenta é certamente a que se manifesta na corrente do cartesianismo. Este

² BOSCO, João. *Símbolos Cristãos – Simiótica*, 2008. In: <<http://joaobosco.wordpress.com/2008/04/20/simbolos-cristaos-simiotica/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

iconoclasmo impactou diretamente a imagem artística pintada e esculpida [...] e o poder pragmático do símbolo triunfa. (DURAND,1993, p.23)

A visão acima descrita em relação ao cartesianismo não deprecia apenas o artista, mas desconsidera todo o universo simbólico que permeava e permeia as sociedades, principalmente em relação à construção da identidade cultural e religiosa, e na preservação da memória. Também podemos citar, no contexto do cristianismo, preconceitos históricos sofridos dentro das Igrejas Católica, Ortodoxa e Reformada, em que arte e símbolos foram ora confundidos com idolatria, ora utilizados de forma idólatra, ou seja:

A Reforma Protestante, com suas tendências iconoclastas retornou das imagens ao texto, tirando a ênfase da estética, com a exceção importante da doxologia, em que a beleza da música e dos hinos tornou-se assunto importante. (ENGLER, 2007, p.206)

O iconoclasmo também reduziu a imagem simbólica em arte vazia, no sentido de mera admiração, entretenimento, padrões do belo e do feio, mas sem evocar o sentido e o significado além da imagem, restando apenas o significante vazio. Iconoclastia, é o nome do movimento político-religioso que iniciou no Império Bizantino no século VIII e cessou em meados do século IX, rejeitava a veneração de imagens religiosas por considerar o ato como idolatria. O édito de Leão III, publicado no ano 730, proibia a veneração de ícones e ordenava a destruição de imagens. Em decorrência deste, os membros da iconoclastia destruíram milhares de ícones religiosos.³

Mas como delimitar o limite entre um e outro, em se tratando de uma linha tão tênue que os separa? Existe esse limite? Para quem?

E nesta linha de raciocínio iremos olhar em retrospectiva, voltaremos aos primeiros séculos do cristianismo, onde a imaginação simbólica reproduzida nos afrescos das catacumbas teve um papel fundamental na identidade, na comunicação, e na propagação do cristianismo, posto que os símbolos foram tanto resultado como mediadores e testemunho do conhecimento transmitido e da experiência concreta de fé. Além disso, os testemunhos arqueológicos conservados sejam nas pinturas, esculturas, inscrições ou simples objetos, forneceram elementos para que se pudesse compreender a vida cotidiana, a religião popular, a economia e as relações sociais daquele período.

Entender o significado ou significados das imagens e símbolos implica na compreensão e distinção de seus usos e funções em diferentes épocas, lugares, contextos

³ O termo iconoclastia significa literalmente “quebrador de imagem” e tem origem no grego *eikon* (ícone ou imagem) e *klastein* (quebrar). In: <<http://www.significados.com.br/iconoclasta/>>. Acesso em 21 de janeiro de 2015.

culturais, sociais e políticos, assim como os materiais utilizados. Conceber, dessa forma, que as imagens reproduzidas nos afrescos não possuíam um conteúdo em si mesmas, mas remetiam a uma realidade que era a que realmente importava, e por isso precisavam ser relacionadas e entendidas no contexto daquela sociedade e da nova fé que nascia.

Isso se mostra tanto mais relevante, se considerarmos que a comunicação da fé por meio das imagens da arte cristã primitiva, foi anterior à construção de doutrinas eclesiásticas sobre fé e imagens, e não foram impactadas pela proibição contida nos preceitos judaicos, considerando que muitos dos novos convertidos eram judeus. Daí as ressignificações trazidas livremente da cultura da época que foram encontradas nas pinturas catacumbárias.

Apesar de toda a simbologia presente no Antigo Testamento, a visão dos judeus em relação aos símbolos, às imagens, ou qualquer tipo de representação, como mencionado anteriormente, era considerada idolatria (e ainda é), por razões que não será possível adentrar-me neste ensaio, nem abordar as diferenças entre a Igreja Católica, as Orientais e as Reformadas nesse quesito.

Cemitérios e catacumbas: seu sentido na comunidade cristã

A palavra *cemitério* (do latim tardio *coemeterium*, *pôr a jazer* ou *lugar do sono*, no grego *koimetérion*) foi dada pelos primeiros cristãos aos terrenos destinados à sepultura de seus mortos, posto que a interpretação é *lugar do sono*, na esperança da ressurreição. Os cemitérios, que os romanos chamavam *necrópole*, cidade dos mortos, ficavam geralmente longe das igrejas, fora dos muros da cidade, conforme legislação da época. Pela lei romana, o território do cemitério era declarado religioso, sendo que sua violação era considerada crime. Trevisan (2003) menciona que a prática do sepultamento nas igrejas e respectivos átrios era desconhecida nos primeiros séculos da era cristã.

Para a religiosidade judaico-cristã, enterrar os corpos diretamente na terra está ligado com a fé na ressurreição do corpo, bem como à ritualização do mito original de que a pessoa fora formada do pó da terra e ao pó deverá retornar.⁴

Do ponto de vista etimológico a origem da palavra catacumba é incerto, algumas fontes creem que vem do grego, indicando um terreno com uma inclinação *katá*, que significa *perto do vale*, *perto das cavidades*, e *τύμβος*, que significa túmulo. As catacumbas eram locais que serviam de cemitério subterrâneo aos primeiros cristãos, embora existissem também catacumbas hebraicas, como as da *Vigna Randanini* e *Villa Torlonia*. Catacumba foi um

⁴ Os textos Bíblicos que fazem referência ao tema descrito são encontrados em 1Coríntios 15,35-49; Gênesis 1:2.

termo retirado de uma das tumbas mais conhecidas e visitadas de Roma, a de São Sebastião, que primeiramente levou este nome, e a partir desse momento a palavra passou a ser usada para designar *todos* os cemitérios cristãos subterrâneos:

As catacumbas eram necrotérios judaico-cristãos subterrâneos públicos. O termo começou a ser usado em 1611, quando uma escavação na Igreja de São Sebastião, em forma de cruz ao sul de Roma, na Via Ápia, revela um necrotério com aproximadamente 174 mil corpos do decorrer do século II. O termo catacumba significa ‘sob a cruz’. Pela lei romana, o território do cemitério era declarado religioso, sendo que sua violação era considerada crime. Talvez por isso possamos compreender porque as catacumbas continuam razoavelmente bem preservadas e porque se acredita que elas também serviam de lugar para que pessoas judaico-cristãs realizassem celebrações e reuniões clandestinas, visto que a religião cristã era oficialmente proibida até o Édito de Milão de 313. A partir de então, no século IV, a Igreja passa a sepultar seus mortos na superfície e dentro das igrejas, o que vale para as pessoas importantes da elite eclesiástico-social [...]. (REIMER, 2010, p. 5)

Enfim, catacumba significa, literalmente, uma cavidade subterrânea, no entanto a aplicação do vocábulo tem-se limitado às sepulturas. Como esclarece Scott (1996), em Siracusa, Alexandria, Nápoles e Paris, como também em Roma, existem escavações que foram usadas como sepulturas, chegando-se a usar para tais fins, extensas pedreiras nas proximidades dessas cidades. As de Roma, contudo, excedem todas as outras por sua extensão.

Conforme Reimer e González (1995), temos a informação de que as catacumbas eram locais de sepultamento e culto, e não de fuga, mas de significado religioso, e a seguinte definição:

Outro dos costumes que aparece desde muito cedo era celebrar a comunhão nos lugares onde estavam sepultados os fiéis já falecidos. Esta era a função das catacumbas. Alguns autores dramatizaram a ‘igreja das catacumbas’, dando a entender que estas eram lugares secretos em que os cristãos se reuniam para celebrar seus cultos escondidos das autoridades. Isto é um exagero. Na realidade as catacumbas eram cemitérios e sua existência era conhecida pelas autoridades, pois não eram só os cristãos que tinham tais cemitérios subterrâneos. Mesmo que em algumas ocasiões os cristãos tenham utilizado algumas das catacumbas para se esconder dos seus perseguidores, a razão pela qual se reuniam nelas era que ali estavam enterrados os heróis da fé, e os cristãos criam que a comunhão os unia, não só entre si e com Jesus Cristo, mas também com seus antepassados na fé. Isto era particularmente certo no caso dos mártires, pois pelo menos a partir do século segundo existia o costume de se reunir junto às suas tumbas no aniversário de sua morte para celebrar a comunhão. Esta é a origem da celebração das festas dos santos, que em geral se referiam, não aos seus natalícios, mas sim às datas de seus martírios. (GONZÁLEZ, 1995, p.152)

Nos primeiros 200 anos da nova religião, antes de Constantino, é provável que tenha existido vários centros artísticos com estilos artísticos próprios, como Alexandria e Antioquia, mas é em Roma que se revelam as primeiras pinturas murais em catacumbas, os afrescos. É

nesta constante aspiração ao Paraíso do ritual funerário, e a consequente manutenção da sepultura, que reside o elemento chave das primeiras representações da arte cristã:

No período referido era costume entre os romanos cristãos queimar os seus mortos e conservar somente as cinzas em urnas. Àqueles, porém, que pereciam nas mãos da justiça, ou vítimas do raio ou que se suicidavam, eram-lhes negados os ritos usuais de cremação. As classes mais baixas do povo e os escravos não podiam pagar as honras de uma pira fúnebre. Os seus corpos, portanto, eram lançados sem cerimônia dentro dos poços de areia, onde se putrificavam, com pesar dos habitantes de Roma, por causa do mau cheiro. Esses poços chamavam-se por isso, *puticuloe*, provavelmente de *putesco*, putrefazer. (SCOTT, 1996, p. 69)

As principais causas do surgimento dos cemitérios subterrâneos foram a falta de espaço em uma sociedade cuja população crescia demasiadamente, havendo a necessidade de mais locais para realização dos sepultamentos, além disso, foi a mudança nos ritos funerários, de incineração para inumação, único que os cristãos aceitavam, As galerias subterrâneas eram divididas de forma distinta, havia espaços para pessoas com menos recursos financeiros e espaços para as mais abastadas.

Os Lóculos (*loculli*) são as cavidades onde os corpos eram colocados fechados com painéis de barro ou pedra, sobre os quais se inscreviam os nomes, símbolos e outras informações. Além das inscrições, foram encontrados também muitos vasos, moedas, lâmpadas e objetos pessoais. Os símbolos religiosos eram esculpidos e pintados nas paredes. Nesse formato, os lóculos, eram as camadas mais pobres da população que utilizavam.



Figura 1: Lóculos.⁵

Os Cubículos (*cubiculum*) são locais quadrados, eram mais elaborados, geralmente feitos para famílias ricas, no interior dos quais eram escavados os *loculli*.

⁵ Figura 1: Ilustrações onde os ambientes foram reconstituídos. In: VISION, S.r.l. Past and Present. Roma, 2007, p.13.



Figura 2: Cubículos.⁶

O Arcossólio é um tipo de tumba cuja parte superior foi construída em forma de arco, um nicho em arco; mais ornamentada, podendo abrigar uma família ou um só corpo, típica do século III e IV d. C.

A Cripta é uma construção subterrânea, geralmente feita de pedras ou escavada no subsolo. Etimologicamente provém do grego *kryptein*⁷, que significa esconder, e do latim, *crypta*. Essas construções geralmente localizam-se na parte inferior de Igrejas e Catedrais, sendo um espaço no qual as pessoas importantes ou relíquias são enterradas. Nas catacumbas de São Calisto, por exemplo, foram encontradas as Criptas dos Papas e de Santa Cecília.⁸



Figura 3: Criptas dos Papas⁹

Giovanni Battista de Rossi, italiano nascido em 1822-1894, fundador da Arqueologia Cristã moderna, e autor da obra *Roma Subterrânea Cristã*, foi redator da primeira revista especializada *Boletim de Arqueologia Cristã*, em 1852. Por ordem do Papa Pio IX fundou a

⁶ Figura 2: VISION, S.r.l. Past and Present. Roma, 2007, p. 21.

⁷ O significado da palavra Cripta. In: <<http://www.significadodepalavras.com.br/Cripta>>. Acesso em: 06 janeiro 2015.

⁸ Figura 3: VISION, S.r.l. Past and Present. Roma, 2007, p. 15.

⁹ *Tumba* é uma pequena construção ou “câmara” para os restos dos mortos, com paredes, teto e uma porta. Podendo ser parcialmente ou inteiramente no subsolo (exceto por sua entrada) em um cemitério, ou dentro da propriedade de uma igreja, ou ainda em sua cripta. Tumbas únicas podem ser permanentemente vedadas; aquelas para famílias têm portas de acesso que são usadas quando necessário. *Sarcófago*, raramente encontrado em uma catacumba, pois seu custo era elevado, é uma urna funerária, geralmente de pedra, colocada sobre o solo, embora alguns sarcófagos fossem enterrados. *Sepultura*, termo utilizado atualmente é o local onde os corpos são depositados ou enterrados. A palavra deriva do latim *sepultra*, que significa *enterrar os mortos*. Jazigo possui o mesmo significado.

Comissão de Arqueologia Sagrada. Rossi descobriu um por um todos os cemitérios subterrâneos de Roma, explorando e investigando a topografia, as pinturas, os sarcófagos, as luminárias, os lugares de culto e as inscrições, especialmente a Catacumba de São Calisto. A história das catacumbas pode ser dividida em períodos, e com o auxílio de Baruffa (1996) podemos resumir e compreendê-la da seguinte forma:

1. Século I 40-100 d.C.: os cristãos não tiveram cemitérios próprios, a maioria fora enterrada em cemitérios comuns, juntos com os “pagãos”, diretamente na terra (solo). Outros cristãos que tinham propriedade sepultavam seus entes queridos em sepulcros familiares, sempre no solo.
2. Século II 100-200 d.C.: a origem das catacumbas¹⁰. No final do século II algumas tumbas de cristãos ricos, situadas na zona rural e ao longo das estradas como a Ápia, Latina e Salaria foram colocadas à disposição dos irmãos da fé. Mesmo assim muitos não tinham condições de adquirir uma tumba, então começaram a fazer escavações subterrâneas. Alguns cemitérios e catacumbas dessa época receberam o nome dos proprietários benfeitores dos locais. Também eram conhecidos como lugares próximos às pedreiras, e pedreiras abandonadas, escolhidas pelo tipo de rocha vulcânica macia, tufo, que era fácil de moldar e cavar.
3. Século III 200-300 d.C.: as catacumbas passaram a ser propriedade da Igreja, pois o número de cristãos havia aumentado demasiadamente, alguns milhares, mas, ainda pouco em relação aos milhões que habitavam Roma naquela época.
4. Século IV 300-400 d.C.: Édito de Milão promulgado por Constantino I e Licínio em 313 d.C., os cristãos deixaram de ser perseguidos, mas continuaram a ser enterrados nas catacumbas por devoção aos muitos mártires que ali foram sepultados.
5. Séculos V ao IX 400-800 d.C.: as catacumbas foram consideradas verdadeiros santuários e visitadas por peregrinos, mas não houve mais sepultamentos a partir deste período, eram feitos ao ar livre, nos mesmos locais, e mais tarde no interior das cidades. Nesse período começaram os saques, quando a Igreja retirou os corpos dos mártires e suas relíquias, transferindo-os para a cidade.
6. Séculos IX ao XVI 800-1500 d.C.: período de abandono e saque.
7. Séculos XVII ao XVIII 1600-1700 d.C.: foram novamente redescobertas, tem início a exploração e os estudos pelo arqueólogo maltês Antônio Bosio (1575-1629), apelidado de “Colombo da Roma subterrânea”. No entanto, após o falecimento de Bosio, houve mais saques, principalmente em busca de mais mártires. Além disso, os proprietários dos locais

¹⁰ Durante o pontificado de Zeferino (199-217) encarregou o diácono Calixto, depois eleito Papa (217-222), de supervisionar o cemitério da Via Ápia.

desceram às sepulturas para retirar mármore e utilizá-lo na construção de suas casas. Uma sucessão de saques que danificaram os registros ali contidos.

8. Século XIX 1800-1900 d.C.: estudos de Rossi.

Comunicação e testemunho expressos nas catacumbas romanas: a Arte Paleocristã

Fora das muralhas, ao redor dos monumentos e dos quarteirões da Roma antiga, desenvolveu-se uma cidade subterrânea dos mortos, subdividida em galerias. Segundo Reimer (2010) existe em Roma entre 35-60 catacumbas concentradas na Via Ápia. A mais antiga deve ser a de São Calisto, construída em torno do ano 200, cujos corredores são compostos por milhares de lóculos onde foram sepultados os corpos. São 20 km de corredores e aproximadamente 500 mil corpos, sendo 40% crianças. Além de São Calisto, entre as principais estão a de Domitila, São Sebastião, Pretestato e Priscila. A altura das galerias das catacumbas pode chegar até quatro andares subterrâneos, com profundidade máxima de até 20 metros. A altura de cada galeria pode variar de no mínimo 2,20 metros a 8 metros. A necessidade de encontrar espaços para os mortos deu origem a elas. Eram ali enterrados cristãos, hebreus e pagãos. Scott (1982) acredita que os milhares de peregrinos que visitam Roma e suas antigas catacumbas não fazem ideia da extensão delas. Há cerca de 70 mil inscrições exploradas e catalogadas, significando esse número apenas uma pequena fração de uma vasta necrópole com aproximadamente quatro milhões de sepulturas, em mais de 800 quilômetros de galerias subterrâneas.

A Arte Paleocristã ou Arte Cristã Primitiva é a arte, arquitetura, pintura e escultura produzidas por cristãos ou sob o patrocínio cristão, desde o início do século II até o final do século V. Não há arte cristã sobrevivente do século I. Após aproximadamente o final do século V, a arte cristã mostra o início do estilo artístico bizantino. Os símbolos e os afrescos resumem a fé cristã qual um Evangelho em miniatura. Os romanos desconfiavam dos cristãos. Não podendo professar abertamente a sua fé, os cristãos faziam-no por meio de símbolos. Mesmo antes de Constantino, quando a cruz ainda era usada como patíbulo para os escravos, já recorriam aos símbolos. Foi só a partir do século IV que a Cruz se tornou um símbolo mais universal. Entre os diversos afrescos, podem-se reconhecer diferentes símbolos.

A transmissão da mensagem evangélica aos primeiros cristãos ocorrera de forma oral, considerando que no referido período era raro quem soubesse ler e escrever. Além disso, a primeira tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego, realizada por eruditos judeus de Alexandria, ocorreu por volta do século III a.C., conhecida como Septuaginta. A

tradução das Escrituras do hebraico e do grego para o latim ocorreria somente em 405 d.C., realizada pelo monge Jerônimo, a pedido do papa Dâmaso no século IV, resultando na “Vulgata”. O registro dos primeiros princípios da fé cristã são provavelmente as cartas de Paulo, endereçadas às diversas comunidades cristãs da década de 50 d.C.:

- 1ª carta foi aos fieis da Galácia (os Gálatas), na atual Turquia;
- 2ª carta fora endereçada aos cristãos de Tessalônica (1 e 2 Tessalonicenses), na Grécia;
- 3ª carta aos cristãos de Corinto (1 e 2 Coríntios), Grécia;
- 4ª carta aos cristãos de Roma data provavelmente de 55/56 d.C.;
- 5ª carta aos cristãos de Éfeso e Colossos (Turquia), Filipos (Grécia), datam de 59/61 d.C., escritas no cativeiro em Roma.
- 6ª carta aos cristãos: Filêmon, senhor de escravos; Tito e Timóteo, seus auxiliares.

Os quatro Evangelhos atribuídos aos apóstolos:

- Mateus, 65 d.C., que “pertencera” à igreja da Síria;
- Lucas (médico), 65 d.C., à igreja dos gentios (Atos dos Apóstolos);
- João Marcos (colaborador de Paulo), 64 d.C., à igreja de Roma;
- João, 95 d.C., “pertencente” à igreja de Éfeso, são os documentos fundadores do cristianismo, registros das palavras e atos de Jesus Cristo, lembrados por eles.

Para Dowley (2009) definir com clareza o cristianismo histórico e “verdadeiro” era uma necessidade nas comunidades cristãs, pois muitas interpretações e práticas já haviam se espalhado no primeiro século, como o *Evangelho de Tomé* (datas prováveis entre 40 e 140 d.C.), o *Evangelho dos doze apóstolos*, *A história de José carpinteiro*, e o *Evangelho do Pseudo-Mateus*, produzidos por gnósticos, que supostamente descrevem aspectos da vida e ministério de Jesus.

Diante de múltiplas interpretações, ao final do I século, os livros do Novo Testamento foram identificados e reconhecidos pelo seu conteúdo, e pelo seu testemunho dos evangelhos.

A pintura elaborada no interior das catacumbas era rodeada de uma simbologia que indicava o culto cristão daquele momento. O que mostra que desde o cristianismo primitivo, as imagens eram utilizadas para expressão de fé e devoção, porém, marcadas fortemente pela esperança da vinda de Cristo (*Parusia*), e por isso, expressavam alegria e vitória, não dor e sofrimento. Poucas pessoas de níveis socioeconômicos mais elevados se tornavam cristãos

naquele período, e por isso muitos não sabiam ler as inscrições. Como podiam então os amigos e sobreviventes distinguir as sepulturas daqueles que amaram e por quem choravam? Serviam-se de pinturas e símbolos.

As narrativas bíblicas estão repletas de símbolos, sejam eles cores, números, animais, nomes de lugares e de pessoas, metais, pedras preciosas, etc. A igreja pós-apostólica sentiu-se à vontade para empregar figuras que expressassem a sua fé em Deus, como o acróstico da palavra *peixe*: *Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador*, as duas letras iniciais de nome Cristo, colocadas uma sobre a outra o *Chi-Rho*; com um círculo ao redor representa a *vida eterna*, e com um triângulo, a trindade. Tertuliano, Agostinho e outros ligam o nome com o rito iniciatório cristão do batismo. Esse símbolo foi um dos mais primitivos símbolos teológicos, sendo também um dos primeiros a cair em desuso. No começo do quinto século havia desaparecido da arte religiosa.¹¹

O conceito de analogia nos ajuda a compreender a experiência religiosa dos primeiros cristãos:

Outra pista de grande importância na estética teológica foi a elaboração do conceito de analogia. Entre as várias coisas que a arte e a religião têm em comum destaca-se a função de criar metáforas [...] Segundo Karl Rhaner, a analogia cria a possibilidade de compreender uma realidade como a revelação misteriosa de uma outra, mais alta e mais compreensiva realidade [...]. (ENGLER, 2007, p.206)

O uso da cruz como símbolo religioso em tempos pré-cristãos e entre povos não-cristãos provavelmente pode ser considerado como quase universal, e em muitíssimos casos ligava-se a alguma forma de culto da natureza.¹² A cruz é um dos símbolos mais antigos do Cristianismo. Um dos significados teológicos da cruz é o relacionamento da humanidade (representada pela haste horizontal) com Deus (representado pela ponta superior da cruz), e o mundo material (representado pela ponta inferior, que toca ao chão):

No entanto, o símbolo da cruz já foi associado aos cristãos no segundo século, como é indicado nos argumentos anticristãos citados por *Octavius*, escrito no final do mesmo século ou no início do próximo, até o início do terceiro século a cruz tinha-se tornado tão estreitamente associada a Cristo que Clemente de Alexandria, que morreu entre 211 e 216 d.C, usou a ambiguidade da frase (o sinal do Senhor) para significar cruz, pois a epístola apócrifa de Barnabé, o número 318 em Gênesis 14:14 foi interpretado como uma numerologia para cruz (T, na posição vertical) e de Jesus (IH, as primeiras duas letras do seu nome IHΣΟΥΣ, a posição dos 18), e seu contemporâneo Tertuliano designou os crentes cristãos como *crucis religiosi*, ou seja *devotos da Cruz*. Em seu livro *De Corona*, escrito em 204 d.C, Tertuliano diz que já era uma tradição para os cristãos fazer em sua testa o sinal da cruz. Muitos estudiosos consideram que a cruz teria sido adotada pelo cristianismo por seus

¹¹ Na versificação, um acróstico é qualquer composição poética na qual certas letras de cada verso, quando lidas em outra direção e sentido, formam uma palavra ou frase.

¹² Para mais detalhes Cf. *The Encyclopedia Britannica*, 1946, vol. 6, p. 753.

próprios méritos, devido às suas conotações metafísicas, porém alguns historiadores sugerem que a cruz surgiu originalmente de um símbolo pagão.¹³

A cruz, que simboliza a crucificação de Jesus, não foi representada artisticamente por muitos séculos, possivelmente por que a crucificação era uma punição reservada aos criminosos comuns. É possível também que ela fosse evitada por ser um símbolo especificamente cristão, indisfarçável, pois, como atestam diversas fontes literárias, o sinal da cruz já era utilizado desde os primeiros anos.

Os afrescos irão dominar essencialmente os tetos num estilo ainda muito influenciado pela pintura mural romana tardia, onde vai buscar os motivos arquitetônicos para a ilusão espacial e as figuras planas de corpo proporcional. Assim, o vocabulário tradicional é adaptado a uma nova mensagem onde, pela arte pictórica¹⁴ narrativa e simbólica, se revelam temas bíblicos com a narração de milagres do Antigo Testamento, cenas dos Evangelhos, e a representação de cenas do Apocalipse.

A obra pictórica necessita de um expectador, por isso deve-se buscar compreender a história, o significado e a quem se dirigia ou quem representava. Essa análise implica em decifrar uma imagem, que, ao estar exposta fora de seu tempo e seu contexto histórico, nos é apresentada como uma linguagem codificada. Dessa forma, é imprescindível contextualizá-la.

Os seguidores de Jesus não eram vistos como uma nova religião, mas como os “adeptos do caminho”, “judeus heréticos”, e em Antioquia, receberam o apelido de “cristãos”. Como já foi dito, para os romanos, religião estava ligada a rituais e sacrifícios estabelecidos pelo Estado. Culto, rito e piedade, em respeito escrupuloso para o que está instituído, implicando em atos de civismo, onde cada um escolhia sua divindade. Feil (2000) esclarece que para os cristãos a religião ligada à crença íntima, à fé em Cristo, e nesse sentido, fé, é entendida como categoria central para a tradição Cristã, já que fora desenvolvida por Paulo e pelo quarto Evangelho, *acreditar*, e não no sentido moderno, *crença*.

Com o Édito de Milão em 313 d.C., o Édito da Tolerância, pelo qual o Império Romano seria neutro em relação ao credo religioso, acabou oficialmente com toda perseguição sancionada, especialmente do cristianismo, que passou a ser uma *religio licita*:

Isso não significou muito para sua autocompreensão, onde a fé não adulterada, *pistis/fides*, foi mantida central. Fundamentalmente, foi apenas em relação às pessoas de fora que o cristianismo insistia em ser a única *vera religio*, enquanto as demais não eram consideradas falsas, *religiones falsae*, mas superstições,

¹³ O Símbolo da Cruz. In:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2015.

¹⁴ O retrato pictórico é um gênero da pintura, com o objetivo de representar a aparência visual do sujeito, em geral um ser humano, embora também possam ser representados animais.

superstitiones; por isso *religio* não foi um termo genérico que poderia ter sido usado para cobrir uma grande variedade de tipos. (FEIL, 2000, p. 19, tradução da autora)

Ainda segundo Feil (2000) na Idade Média o termo seita passou a ser utilizado pela necessidade de se encontrar um termo comum à variedade de convicções, “Em Roger Bacon (1220-1292) a denominação comum destas várias convicções não é *religio*, mas foi *lex ou secta*, no sentido de ‘grupos de adeptos’”, sem ter o caráter pejorativo moderno, então encontramos aqui as seitas dos Hebreus, Caldeus, Egípcios, a seita Cristã, etc.

O Édito de Milão, de março de 313 d.C., ajuda-nos a compreender o lugar desses grupos de adeptos, inclusive os da fé cristã, na sociedade romana:

Nós, Constantino e Licínio, imperadores, encontrando-nos em Milão para conferenciar a respeito do bem e da segurança do império, decidimos que, entre tantas coisas benéficas à comunidade, o culto divino deve ser a nossa primeira e principal preocupação. Pareceu-nos justo que todos, os cristãos inclusive, gozem da liberdade de seguir o culto e a religião de sua preferência. Assim qualquer divindade que no céu mora ser-nos-á propícia a nós e a todos nossos súditos. Decretamos, portanto, que, não obstante a existência de anteriores instruções relativas aos cristãos, os que optarem pela religião de Cristo sejam autorizados a abraçá-la sem estorvo ou empecilho, e que ninguém absolutamente os impeça ou moleste... Observai outrossim, que também todos os demais terão garantia a livre e irrestrita prática de suas respectivas religiões, pois está de acordo com a estrutura estatal e com a paz vigente que asseguremos a cada cidadão a liberdade de culto segundo sua consciência e eleição; não pretendemos negar a consideração que merecem as religiões e seus adeptos. Outrossim, com referência aos cristãos, ampliando normas estabelecidas já sobre os lugares de seus cultos, é-nos grato ordenar, pelo presente, que todos os que compraram esses locais os restituam aos cristãos sem qualquer pretensão a pagamento... [as igrejas recebidas como donativo e os demais que antigamente pertenciam aos cristãos deviam ser devolvidos. Os proprietários, porém, podiam requerer compensação.] Use-se da máxima diligência no cumprimento das ordenanças a favor dos cristãos e obedeça-se a esta lei com presteza, para se possibilitar a realização de nosso propósito de instaurar a tranquilidade pública. Assim continue o favor divino, já experimentado em empreendimentos momentosíssimos, outorgando-nos o sucesso, garantia do bem comum.¹⁵

Os egípcios e os hebreus eram vistos como “supersticiosos bárbaros” e os cristãos como uma “seita de ingênuos supersticiosos” que desprezavam a morte e possuíam uma caridade fraterna. Eram acusados de ateísmo, infanticídio, canibalismo e incesto, pois em suas reuniões “escondiam um recém-nascido”, tudo isso porque os cultos eram secretos, já que eram proibidos de praticar culto público. Assim relata o filósofo Cecílio, século III, em uma apologia escrita em latim chamada o *Octavius*:

Recrutados na escória vil do povo, os cristãos são um punhado de ignorantes e de mulheres crédulas [...] que por meio de reuniões noturnas, de jejuns periódicos e de alimentos indignos do homem, selam suas alianças não por uma cerimônia sagrada, mas por um sacrilégio: desprezam os deuses e os templos; cospem sobre os deuses e

¹⁵ Édito de Milão. Lactâncio, De mort. persec. XLVIII. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89dito_de_Mil%C3%A3o>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

riem das cerimônias sagradas, mas se entregam, em suas reuniões a abomináveis impudícias; até comem crianças; raça amiga dos esconderijos e dos segredos e inimiga da luz; estes seres miseráveis desdenham a púrpura e a honra, eles que andam quase nus? Um deus invisível e onisciente é um fantasma; a doutrina do fim do mundo e da ressurreição é absurda. O deus dos cristãos não hesita em abandoná-los, quando perseguidos, entregando-os à ruína. É melhor permanecer cético. (FRANGIOTTI, 2006, p.56)

Enfim, eram acusados de serem inimigos públicos, na base da ilegalidade Jurídica que ganhava corpo, eram os inimigos do império, pois todas as catástrofes naturais eram atribuídas a eles, traziam azar, já que não adoravam aos deuses e por isso provocavam sua ira; e lesa majestade, contra a majestade do imperador, eram inimigos do imperador.

Nos séculos que precederam a queda definitiva de Roma, o cristianismo, mesmo perseguido, se expandia rapidamente e sua aceitação foi, provavelmente, estimulada pela fragilidade político-moral que o império enfrentava:

[...] o paganismo latino, tal como Augusto tinha tentado fazê-lo reviver, havia muito tempo já não satisfazia as consciências inquietas. As religiões e as superstições do Oriente se haviam expandido por todo o império, onde conviviam e se confundiam as crenças mais singulares, os ritos mais estranhos. Tendia-se para uma religião desligada desse mundo decepcionante, que transferisse para o outro mundo o objetivo e o fim da existência terrena. O monoteísmo atraía os melhores espíritos. O cristianismo, sem fazer alarde, acabava de estabelecer sua organização e seu dogma. (LEMERLE, 1991, p.4)

Um olhar sobre os significados e as ressignificações

O Bom Pastor

A imagem do Bom Pastor é a representação simbólica mais comum encontrada na arte cristã primitiva das catacumbas de Roma, antes que ela pudesse ser mais explícita. A imagem mostrando um jovem carregando uma ovelha nos ombros foi emprestada diretamente do Hermes *kriophoros* pagão do século V a.C. Sendo uma representação de Jesus que continuou a ser utilizada nos séculos seguintes à legalização do cristianismo no Império Romano (313 d.C.).

Inicialmente, ela provavelmente não era entendida como sendo um *retrato de Jesus*, mas um símbolo como outros utilizados na arte cristã primitiva: *O Pastor de Hermas*, ou o Bom Pastor, obra literária cristã do século II d.C., entre 142 e 155 d.C., cujos afrescos foram uma adaptação do Moscóforo grego *carregador de novilhos*. Assim, a representação de Cristo sofre através dos tempos alterações constantes.



Figura 4: Afresco encontrado na Catacumba de São Calisto: O Bom Pastor, 250 d.C.¹⁶

A Virgem Maria

A mais antiga imagem da Virgem Maria nas catacumbas de Priscila, em Roma. É da metade do século II e mostra a Virgem Maria sentada com o Menino Jesus ao colo. Junto a ela, um homem segura um volume com a mão esquerda, e com a direita aponta para uma estrela acima da cabeça de Maria. Trata-se do profeta Isaías.



Figura 5: Catacumba de Priscila: Virgem Maria e o Menino Jesus, *Madonna* 230-240 d.C.



Figura 6: Representação de Ísis amamentando Hórus. A imagem dos deuses egípcios fora associada à imagem cristã de Maria e Jesus.¹⁷

¹⁶ Figuras 4 e 5: MANCIELLI, Fabrizio. *Catacumbas de Roma: Origen del Cristianismo*. Firenze: Scala Goup S.p.A., 1981, pp. 24 e 28.

¹⁷ Figura 6: Disponível em: <<http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2012/05/cristianismo-copta.html>> Acesso em 25 de janeiro de 2015.

Podemos encontrar outros exemplos no lírio que representa a pureza, o cacho de uva que representa o sangue de Cristo, cachos de uva e o trigo representavam o corpo e o sangue de Jesus. Dessa forma, alguns dos motivos da arte de várias culturas são transpostos para os novos conteúdos cristãos. A espiga de trigo, o pão da Eucaristia. A serpente, entre os não-cristãos, representava o símbolo das energias da terra, e passa entre os cristãos como símbolo do mal. O pavão foi um símbolo proveniente da mitologia grega e remete à imortalidade. A palma do triunfo, coroa e a palma são muito frequentes, aludindo ao triunfo e à recompensa aos fieis até a morte. A pomba é um símbolo de paz e pureza e pode ser encontrada nas obras artísticas com uma auréola ou emanando uma luz celestial. Em uma das mais antigas imagens trinitárias conhecidas, o trono de Deus como uma imagem trinitária, a pomba representa o Espírito Santo.

As Orantes

As Orantes são comuns nas catacumbas dos primeiros séculos, essa posição de oração era a usual, tanto no paganismo como entre os cristãos. Era uma imagem simbólica utilizada entre os pagãos representando a piedade (*Piétas*)¹⁸, gesto piedoso, destinado a honrar os imperadores do século II. A representação do crente em oração foi outro problema para os pintores catacumbários. A oração é a união da alma com Deus, então, como representar isso de modo simples e acessível às populações incultas e incrédulas? Encontraram a solução nessa figura pagã feminina de pé, braços abertos, mãos para o alto, olhos no céu, em atitude de êxtase, ressignificada para o cristianismo com tríplice simbologia: alma do defunto em paz no paraíso; o símbolo do mártir intercessor; e a partir do século IV tornou-se símbolo da intercessora Maria.



Figura 7: Catacumba de Priscila: A Orante - memórias da vida cotidiana da mulher que ali fora enterrada.¹⁹

¹⁸ Conceito derivado da filosofia estoica, especialmente de Epíteto 50 a.C. -138 d.C.

¹⁹ Figuras 7 e 8: MANCIELLI, 1981, pp. 6 e 28.

O Ágape

Banquete representado em um cubículo, uma cena eucarística, que posteriormente foi considerada um *ágape* fúnebre, antigo ritual pagão, símbolo da união inesquecível com o defunto, que a Igreja tolerou até o século IV, mas que foi ressignificado e passou a ser celebrado entre os cristãos como será explicado mais à frente.



Figura 8: Catacumba de São Calisto

Algumas passagens bíblicas retratadas ²⁰



Figura 9: Catacumba dos Santos Marcelino e Pedro: O Dilúvio



Figura 10: Catacumba da Via Latina: O Sacrifício de Isaac; e Balaão detido pelo anjo.



Figura 11: Catacumba de Priscila: Os três jovens na fornalha.

²⁰ Figuras 9 a 12: MANCIELLI, 1981, pp. 24-35. Também disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/archeo/inglese/documents/rc_com_archeo_doc_20011010_catacrist_en.html>. Acesso em 25 de janeiro de 2015.



Figura 12: Catacumba de Comodila: Busto de Cristo do final do século IV, uma das primeiras representações com barba.

O peixe (em grego: *Ictus*) utilizado como símbolo de Jesus Cristo, representa não somente a última ceia, mas também a água utilizada pelo batismo cristão. Além disso, a palavra *peixe* em língua grega é formada pelas iniciais da frase *Jesus Cristo Filho de Deus Salvador* (*Iesus Christos Theou Uios Soter*). Alguns autores defendem também derivar da arte romana pagã, simbolizando a esperança na ressurreição e imortalidade.



Figura 13: Cripta de Lucina em São Calisto: Peixe eucarístico, a cesta de pães e a jarra de vinho tinto. Século III d.C. ²¹

Como já foi mencionado anteriormente, entre outras práticas da Igreja primitiva, as Catacumbas nos oferecem ilustrações do *Ágape* ou festa ou banquete do amor, ressignificado do *ágape* fúnebre. O Novo Testamento refere-se a essa festa, 2 Pedro 2:13 e Judas 12. Consistia numa refeição em comum, geralmente ligada à celebração da Ceia do Senhor, imitando o exemplo de Jesus e seus discípulos, que participaram da Ceia Pascal, em que ricos e pobres participavam. A festa do amor ou *ágape*, usualmente formava parte do festim por ocasião de batismo ou casamento, e também era observada em enterros.



Figura 14: Catacumba de Domitila, século IV: Cristo ensinando os Apóstolos²²

²¹ Figura 13: BARUFFA, 1996, p.8.

Nas eras primitivas da Igreja essas festas promoviam, sem dúvida, relações de amizade cristã e amor fraternal. Tertuliano na sua Apologia, dá-nos uma descrição muito elogiosa delas. Descreve-nos a refeição como frugal e modesta; a conversação era conduzida sob a convicção de que Deus estava presente; fazia-se oração, e eram lidas e explicadas as Escrituras, e cantados hinos; a cerimônia incluía também o ósculo (beijo) da paz e uma coleta para os pobres.

Mensagens e símbolos: inscrições funerárias



Figura 15: Catacumba de São Sebastião: Epitáfio com a Âncora e o Peixe.²³

Os epitáfios também foram uma forma de transmissão da mensagem cristã. As inscrições acham-se principalmente sobre pedras de granito ou de mármore usadas para fechar as sepulturas, e colocadas de cada lado das galerias. Os cristãos faziam essas inscrições em latim ou grego, com muitos erros, palavras ditadas em grego acham-se muitas vezes escritas com letras romanas, ao passo que palavras romanas aparecem também muitas vezes escritas com letras gregas. Por vezes as duas línguas achavam-se misturadas, porém, os sentimentos eram genuínos, salientando o testemunho de vida, a vida familiar e conjugal dos que partiram. Captaram a dor, a fé, o carinho, a esperança e a saudade, o sentimento imortal que prevalecia na sentença supria a perda.

A partir do século III houve um enriquecimento nas inscrições com elementos cristãos específicos, e os símbolos como o peixe, a âncora, a pomba, e as expressões *em paz* e *em Cristo* começaram a aparecer. No século IV surgiram outras formas de retratar a experiência religiosa, como as orações e expressões de dor: *Descansa em Cristo*; *Que teu espírito (alma) esteja entre os Santos*; *Lembre-se de teu marido e de teus filhos*; *Estou em paz*; *Rezo por ti*; *Te espero*. Outros exemplos de epitáfios seguem abaixo:

²² Figura 14: MANCIELLI, 1981, p.26.

²³ Figura 15: Imagem disponível em: <<http://www.apologistascaticos.com.br/index.php/apologetica/imagens/541-o-uso-das-imagens-no-cristianismo-primitivo>>. Acesso em 25 de janeiro de 2015.

Deuterio, intérprete dos antigos poetas, professor de latim e grego, descansa seguro de tua salvação em tranquila paz;

Genciano, fiel Cristão na paz do Senhor. Viveu 21 anos, 8 meses e 16 dias. Em tuas orações reza por nós, pois sabemos que estás com Cristo;

Severa, doce com os pais e criados, está sepultada aqui até que ressuscite. O senhor que levou sua alma casta, a devolverá adornada de glória espiritual. Ela viveu 9 anos, 11 meses e 15 dias;

Flavio Crispino à digna esposa Aurélia Aniana, que viveu 28 anos. A tive como esposa por 9 anos com amor, nunca me magoou. Que te encontre bem querida. Que esteja em paz com as almas santas. Que estejas bem em Cristo;

Probiliano à sua companheira Felicidade, de quem todos os que viviam perto conheceram a fidelidade, a honestidade e a bondade. Aos oito anos em que seu marido esteve ausente, jamais o traiu;

Estevam e Generosa, pais docílimos, que viveram muito tempo sem brigar jamais. O infeliz Druso fez este sepulcro aos seus merecedores pais. (BARUFFA,1981, pp.10-11)

O Chi-Rho

É conhecido como o monograma mais antigo que se refere a Jesus Cristo, sendo denominado por alguns como o *cristograma*, datando do século II. É composto pelas duas primeiras letras da palavra *Cristo* em língua grega *XPICTOC*. Os cristãos primitivos o usavam como um sinal secreto da sua fé. O *Chi-Rho* tem várias formas, como por exemplo, uma cruz ou um cajado na letra *P*. O cajado lembra que Jesus é o bom pastor. João 10:11, e pode aparecer com o Alfa e o Ômega, que são primeira e última letra do alfabeto grego. Jesus diz que Ele é o alfa e o ômega. As duas letras expressam a natureza eterna de Cristo. (Ap 1:8). Em Apocalipse 22:13 vê-se que, simbolicamente, o Alfa e Ômega são o começo e o fim, o Eterno.



Foto da autora: Catacumba de Domitila. Roma, 2014.

O *Chi-Rho* pode ser visto como a primeira cruz Cristã, embora não seja tecnicamente uma cruz. Como um símbolo pré-cristão, o *Chi-Rho* significava boa sorte, mas tornou-se um importante símbolo cristão quando adotado pelo imperador romano Constantino. Segundo a

Igreja Padre Eusebius, na véspera da Batalha da Ponte Mílvia, o Imperador viu o emblema em um sonho, com a inscrição: *Por este sinal, você deve conquistar*. Segundo a história, a batalha foi ganha. No regresso para a vitória, Constantino ergueu igrejas cristãs. Essa história é muito improvável, pois sua conversão ocorrera em seu leito de morte. De qualquer forma, o símbolo é o padrão do Imperador do exército, proeminentemente mostrado no Lábaro do Imperador. Antes de se tornar monograma de Cristo, o *Chi-Rho* foi o monograma do *Chronos*, o deus do tempo, e um emblema do deus solar. Antigos símbolos parecidos com o *Chi Rho* foram:

Staurograma (⌞ T-Tau e P- Rho) e o IX monograma (✱ I-Jesus X-Cristo, grego).

A âncora significa a segurança e a esperança cristã: *Esperança que temos como uma âncora segura e firme da alma*: Hebreus 6:19-20.



Figura 16: Catacumba de São Sebastião - A Âncora, Peixe e o Cristograma.²⁴



Foto da autora: Martírio de Santa Cecília. Neste local e posição foi encontrado o corpo da mártir, a posição dos dedos comunicando sua crença na Trindade. Ano 177 d.C. Roma, 2014.

Conclusão

Séculos antes das concepções modernas da experiência religiosa, o símbolo demonstrou exercer um poder natural de mediação da relação do ser humano com o

²⁴ Figura 16: Imagem disponível em: <<http://www.catacombe.org/simboli.html>> Acesso em 25 de janeiro de 2015.

transcendente. Mesmo sofrendo constantes ressignificações, permaneceu único e múltiplo, já que o papel profundo do símbolo é a confirmação de um sentido. A arte e as inscrições encontradas nas catacumbas romanas são o berço da expressão e da comunicação de uma religião que nascia em igrejas domésticas e que abarcava pessoas provenientes de diferentes estratos sociais e etnias, pois se fundamentava no amor ao próximo e na renúncia ao status, contrastando com o tradicionalismo e exclusivismo da comunidade judaica e das elites romanas. Nesse ambiente o Cristianismo em sua infância achou abrigo. Ali foram arquivados *sermões em pedras*.

O discurso dos primeiros cristãos ficou registrado pela arte pictórica em afrescos e em pedras esculpidas. As pinturas mantiveram vivas as memórias, cenas Bíblicas, rituais e símbolos, registrando a crença, o testemunho, e o estilo de vida das primeiras comunidades. Naquele momento histórico e contexto social, a religião que nascia era mediadora de esperança diante de necessidades humanas, tanto individual como coletivas, e formava um sistema simbólico particular, confirmado pelos rituais simples que fortaleciam suas crenças.

Uma religião se formava. Nas definições modernas de religião, Geertz (2008) trouxe a noção de ordem geral de significado. Hanegraaff (1999) desdobrou o conceito de religião utilizando três categorias em uma nova perspectiva, que socialmente se manifestam de diferentes formas: religião, religiões e espiritualidade, sendo que, de acordo com esta definição, o cristianismo primitivo foi marcado fortemente pela espiritualidade.²⁵

Ademais, o cristianismo primitivo demonstrou a importância da estética para a religião posto que, a palavra falada e a escrita atuam juntamente com os sentidos, já que o homem é capaz de expressar-se de diferentes formas dentro do universo religioso, seja nas pinturas, nas imagens esculpidas, através dos símbolos, sons e cheiros.

Referências

BARUFFA, Antonio. *Las Catacumbas: la fascinación de um mundo desconocido*. 2ª ed. Roma: Libreria Editrice, 1996.

²⁵ Conceito de religião para Hanegraaff ficou da seguinte forma: Religião - como qualquer sistema simbólico que influencia as ações humanas pela oferta de formas ritualizadas de contato entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados. Religiões - um sistema simbólico que estiver organizado sob a forma de uma instituição social. Assim, religião necessitaria inevitavelmente de um grupo articulado em torno de um conjunto de mitos, com hierarquia e papéis definidos, e de uma doutrina que manifestasse ou demonstrasse um conhecimento sistematizado. Espiritualidade - qualquer prática humana que mantém contato entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados por meio de manipulações individuais de sistemas simbólicos.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DOWLEY, Tim. *Os Cristãos: Uma História Ilustrada*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. 6ª ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

ENGLER, Steven. A estética da religião. In: *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 201-221.

FEIL, Ernst. *On the Concept of Religion. Part I: Thesis*. Translate by Brian McNeil. Academic Studies in Religion and the Social Order Global Publications: Binghamton University, 2000.

FRANGIOTTI, Roque. *Cristãos, Judeus e Pagãos: acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo*. Aparecida –SP: Ideias e Letras, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008.

GONZALEZ, Justo. *E até os confins da Terra: uma História ilustrada do Cristianismo - Volume 1: A Era dos Mártires*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GOWING, L. et al. A Arte Paelocristã. In: *História da Arte: Roma e Bizâncio*. Barcelona: Folio, 2008.

HANEGRAAFF, Wouter J. Defining Religion in Spite of History. In: Platvoet, J.G. and Molendijk, A. L. *The Pragmatics of Defining Religion: Contexts, Concepts & Contests*. Leiden; Boston; Köln: Briil, 1999 *apud* GUERRIERO, Silas. O conceito de religião e as novas espiritualidades. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/265>>. Acesso em 25 de janeiro de 2015.

LEMERLE, P. *História de Bizâncio*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MANCIELLI, Fabrizio. *Catacumbas de Roma: Origen del Cristianismo*. Firenze: Scala Goup S.p.A.,1981.

MITHEN, Steven. *A pré-história da mente: Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. UNESP,4ª ed. São Paulo, 2003.

NETO, João Oliveira Ramos. *Dos epítáfios às catacumbas: Uma história comparada dos rituais fúnebres na Antiguidade*. Revista Aletheia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo - Volume 2/2, Agosto a Dezembro de 2010.

REIMER, Ivone Richter. *Perigo de morte e morte vivida no movimento de Jesus: teologia e imaginário gravados na arte das catacumbas*. Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura. Ano VI, n. 29. p. 31-44. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/perigo-de-morte-e-morte-vivida-no-movimento-de-jesus-teologia-e-imaginario-gravados-na-arte-das-catacumbas/>> Acesso em 21 de janeiro de 2015.

SCOTT, Benjamin. *As Catacumbas de Roma: As Catacumbas de Roma, o testemunho e o martírio dos primeiros cristãos*. 13ª ed. Rio de Janeiro: CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1996.

THEISSEM, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: Uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

TREVISAN, Armindo. *O Rosto de Cristo: a formação do imaginário da arte cristã*. Porto Alegre: Editora Age, 2003.

VISION, S.r.l. *Past and Present*. Roma, Vision, 2007.

WRIGHT, Robert. *A Evolução de Deus*. Tradução Flávio Demberg. Rio de Janeiro: Record, 2012.